Hello!

My name is Melyna Souza,
I'm a 24 year-old graphic designer based in São Paulo, Brazil.

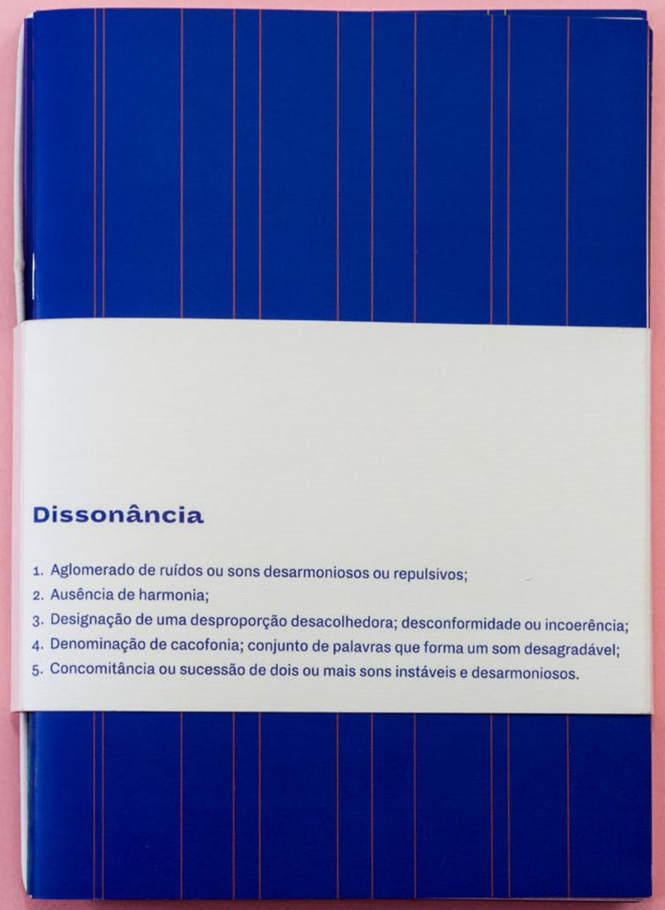
Here I present some projects focused on typography and editorial design, in which I try to bring shape and content together through different processes.
Most of the works were developed during my graduation at São Paulo University State (UNESP) and during my exchange year at Budapest Metropolitan University (METU).

A brief timeline

15 y/o
in love with graphic design

20 y/o
angry with graphic design

24 y/o (today)
in love and angry with graphic design



Dissonância

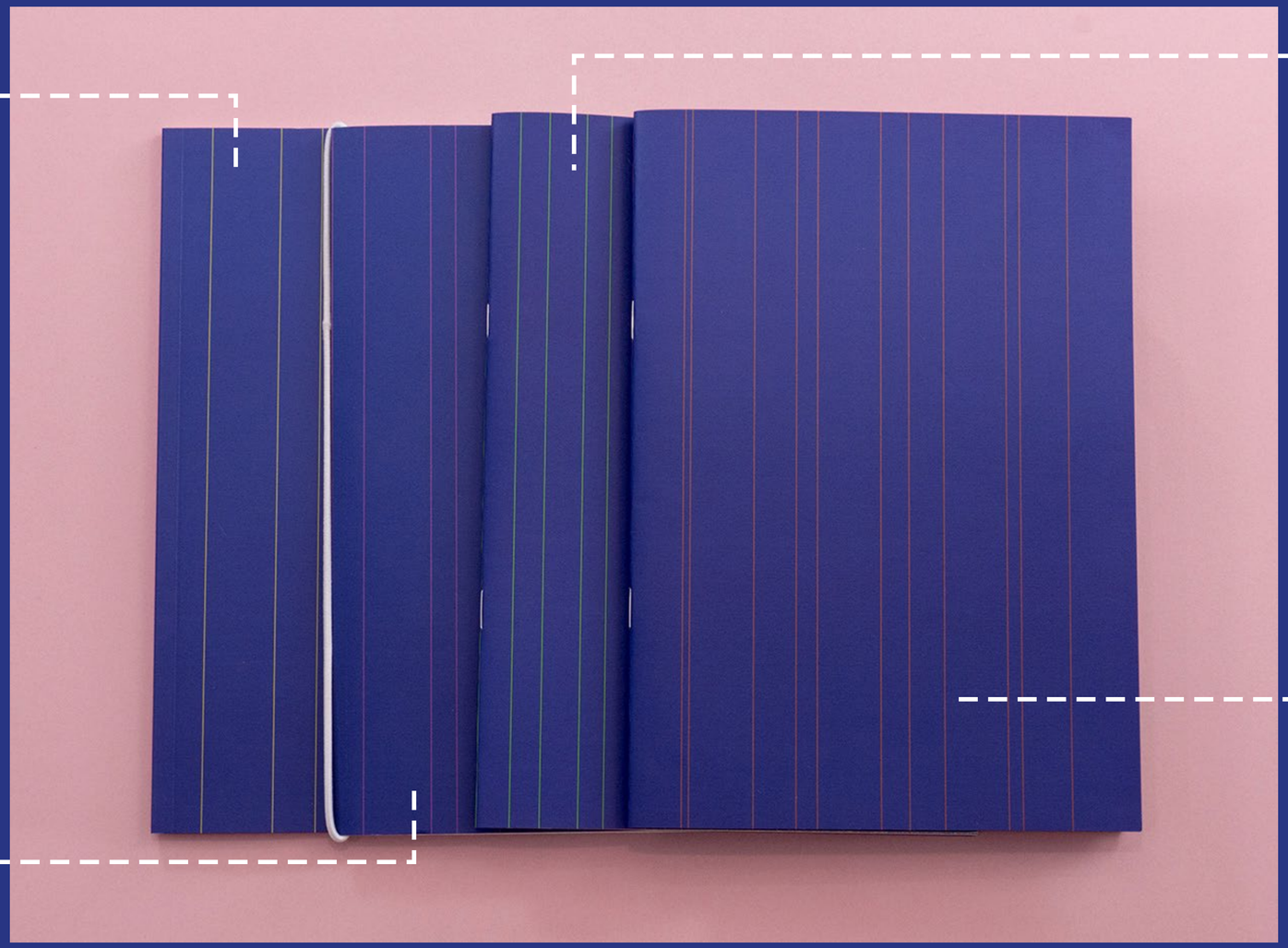
Graduation project (2018)

Selected for the 13rd Brazilian Graphic Design Biennial

Dissonância is an editorial experimentation made of four unreadable/illegible books, each one being unreadable or illegible in its own way. They explore the different interpretations of dissonance as subject, visual language and conceptual axis for the project.

If dissonance isn’t an attribute, but rather a relation between two elements, how can one materialize in an object a property that can’t be intrinsic to it? How can a book establish a relation of dissonance with its reader?

The booklets share the format and the design of the covers, all conceived from mathematical ratios equivalent to dissonant intervals of Western music.



Typographically illegible

Illegibility is explored through ruptures and distortions of the characters and paragraphs of the text—two excerpts from György Lukács's "The Theory of the Novel" in which Lukács discusses the literary dissonance in modern art.

The excerpts, one in each page of the spread, repeat themselves along the whole book, each time distorted in a different way.

Toda a forma é a resolução de uma dissonância fundamental da existência, um mundo ordenado e sensato para certa ordem de coisas, a seu lugar correto, como portador, como condição necessária do sentido. Se portanto numa forma o cúmulo de contrassenso, o desagradável na vaziedade profunda das atividades humanas, ou a possibilidade de uma unidade última do movimento tem de ser acolhido como fato condutor, se aquilo que é em si um contrassenso tem de ser explicado e analisado, e em decorrência inapelável tem de ser reconhecido como existente, então é possível que nessa forma certas correntes desemboquem no mar da satisfação, embora o desaparecimento dos objetivos evidentes e da resolução óbvia de uma tarefa tenham de ser pressupostos como fundamento do edifício, como a priori constitutivo de todos os personagens e acontecimentos.

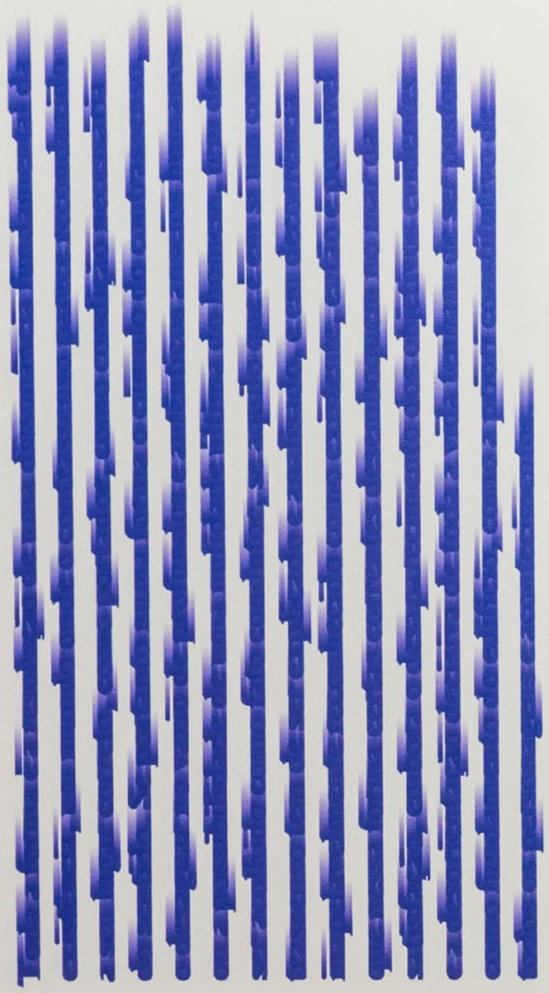
Toda a forma artística é definida pela dissonância metafísica da vida que ela afirma e contagia como fundamento de uma forma lúdica perfeita em si mesma, na qual parece dançar a alma do mundo, assim resultante, a atmosfera envolvendo homens e acontecimentos é determinada pelo fato de que, ameaçando a forma, irrompe a dissonância não adequadamente resolvida. A dissonância da forma torna necessária a recusa da influência do sentido em penetrar na vida empírica, levanta um problema de forma cujo caráter formal é muito mais dissimulado que o das outras formas artísticas, e que, por ser a aparência mesmo do conteúdo, exige uma colaboração talvez ainda mais explícita e decisiva entre forças éticas e estéticas do que no caso dos problemas formais evidentemente puros.

um mundo onde o contrassenso parece
correto, como portador, como condição
se portanto numa forma o cumulo do
no vazio de profundos e autenticos ans
bilidade de uma nulidade ultima do hor
como dato condutor, se aquilo que era
temde ser explicado e analisado e em
mente reconhecido como existente, em
forma certas correntes desembocuem
embora o desaparecimento dos objetive
entação decisiva de toda a vida tenha mude

mresultante a atmosfera envol
se determinada pelo perigo que
da dissonância não absolutament
da forma aromamesca, ameaçadam
netra na vida empirica levanta
rate formal e muito mais distin
artisticas e que por ser na apare
xigeumacolaboração talvez ainda
geumacolaboração talvez ainda
tre forças eticas e esteticas do que n

Toda a forma é a resolução de uma discordância fundamental da existência, um mundo onde o contraditório recebe forma e se torna correto, como portador, como o pólo que necessária da razão. Se pensarmos numa forma o círculo que contesse o desenho no vazio do profundo e artificial, a vida humana ou a possibilidade de uma utilidade última do homem, tem que ser olhado como fato concreto, só aquilo que pode ser explicado e analisado, que pode ser tornado transparente tem de ser reconhecido como existente, e então é possível alcançar formas certas e corretas de pensamento, no fim da satisfação, embora o desaparecimento dos quietos e vigorosos e a dissolução decisiva de toda a vida tenham de ser pressupostos como fundamento do edifício, tanto a prática substituída de todos os homens e acontecimentos.

Toda a forma artística é definida pela distância metafísica da vida que ela finge e constitui como fundamento da sua totalidade. Aceita em si mesma, o caráter do estado do mundo é assim regulado, a atmosfera envolvendo homens e acontecimentos é determinada pelo ar, encantando a fantasia. Brota da distância não absoluta, não absoluta, a ausência da forma humanesca, a ausência da inocência da sabedoria em vencer na vida empírica, levanta um problema de fundo cujo caráter formal é muito mais distanciado das outras formas artísticas. O que, por ser da essência da obra, exige uma colaboração tanto mais explícita e decisiva entre forças éticas e estéticas do que no caso de problemas formais de atmosfera burguesa.



Physically unreadable

This booklet has two dimensions of Arnold Schoenberg's work: his essay"Opinion or Insight?", in which Schoenberg presents concept of emancipation of the dissonance, and compositions from his famous melodrama "Pierrot Lunaire", a setting of three groups of seven poems.

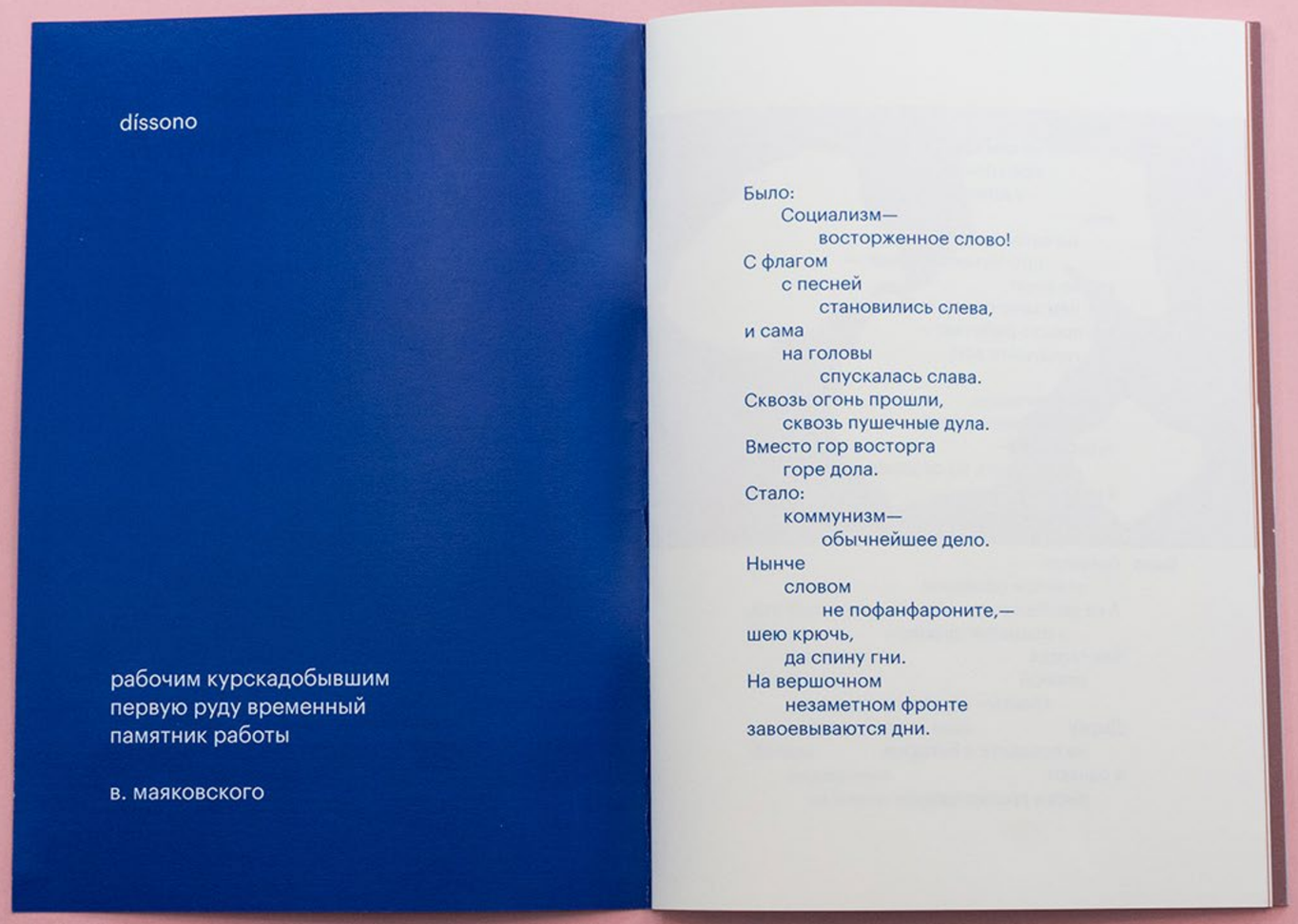
The design explores the physical structure of the book as a way to prevent the reader to approach its content. The essay is on the inner side of the pages, visible only through the top and bottom openings of the page. The visible pages on the outside are illustrated by visual representations of the selected songs generated on Processing.

díssono

a emancipação da dissonância

a. schoenberg

sobre como a sucessão de harmoni
jada, às vezes até levando as coisas
só usar harmonias cuja relação com
acessibilidade" a ela (ainda mais
nvenção) fosse fácil de apreende
de acordes vagantes (como
nia)—fenômenos cuja
biguidade—ampli



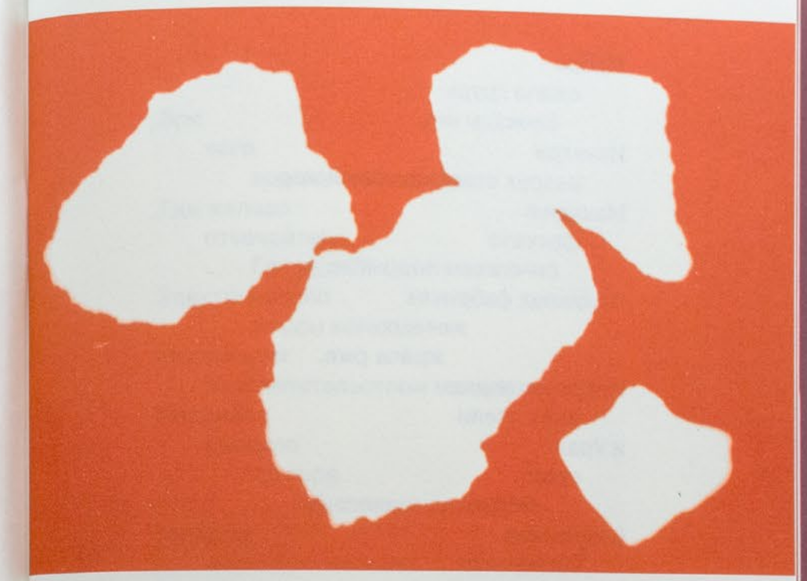
Unreadable language

This booklet presents a poem written by Vladimir Maiakovski in honor of the Kursk miners. The verses use the phonetic dissonance as expression, through consonants that collide and form harsh sounds.

The poem is untranslated, showing that the readability of a text also depends of the context where it is inserted. The booklet is illustrated by photograms made with stones and crystals, alluding to the theme of the poem and creating a visible contrast between opaque and translucent.

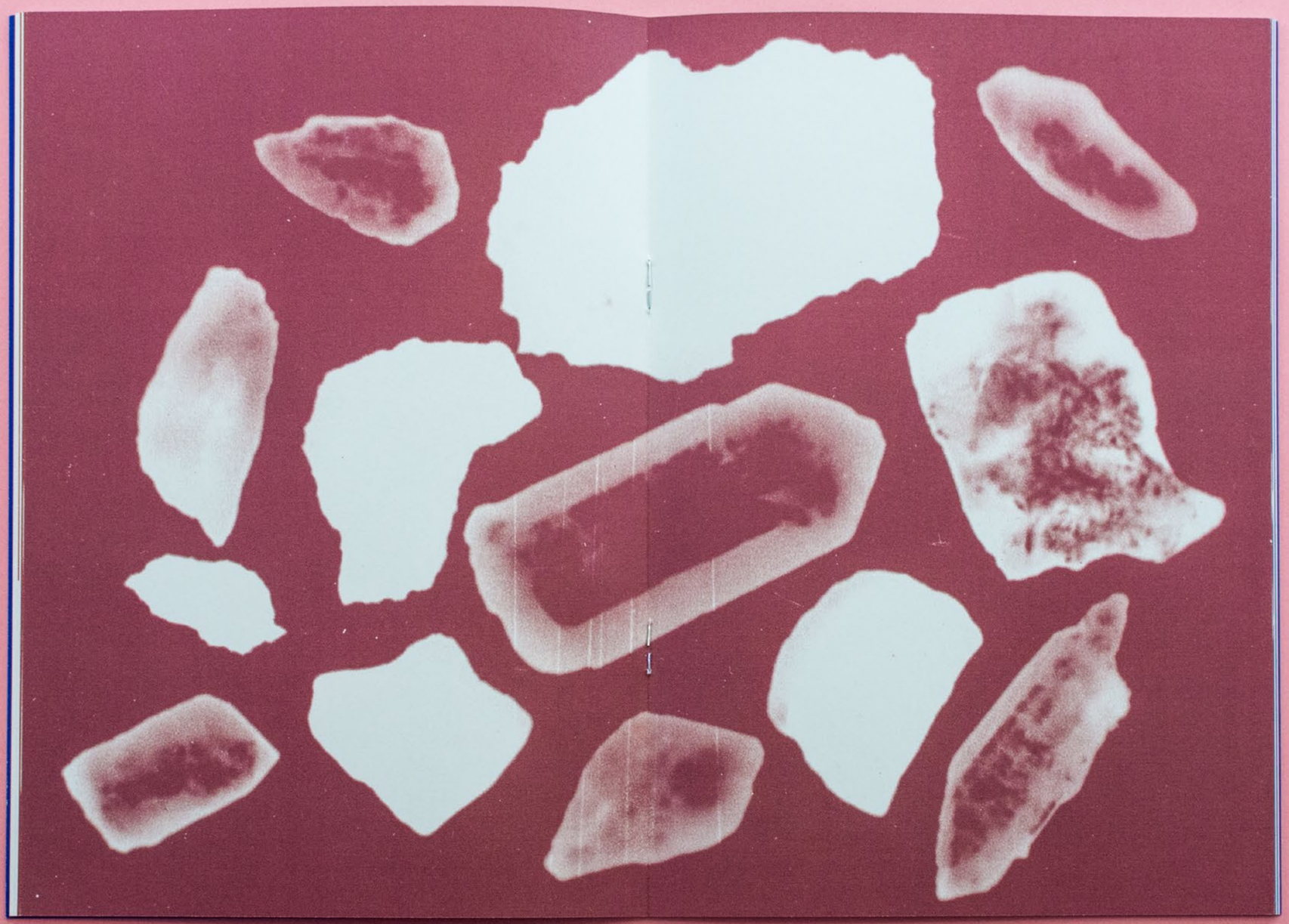
Я о тех,
кто не слыхал
про греков
в драках,—
кто
не читал
про Муциев Сцевол,—
кто не знает,
чем замечательны Гракхи,—
кто просто работает—
грядущего вол.

Мы митинговали.
Словопадов струи,
пузыри идеи—
мир сразить во сколько.
А на деле—
обломались
ручки у кастрюли,
Было бреемся
стеклом осколком.
А на деле—
у подметок дырки;—
без гвоздя
слюной
клеить— впустую!
Дырку
не посадите в Бутырки,
а однако
дырки протестуют.

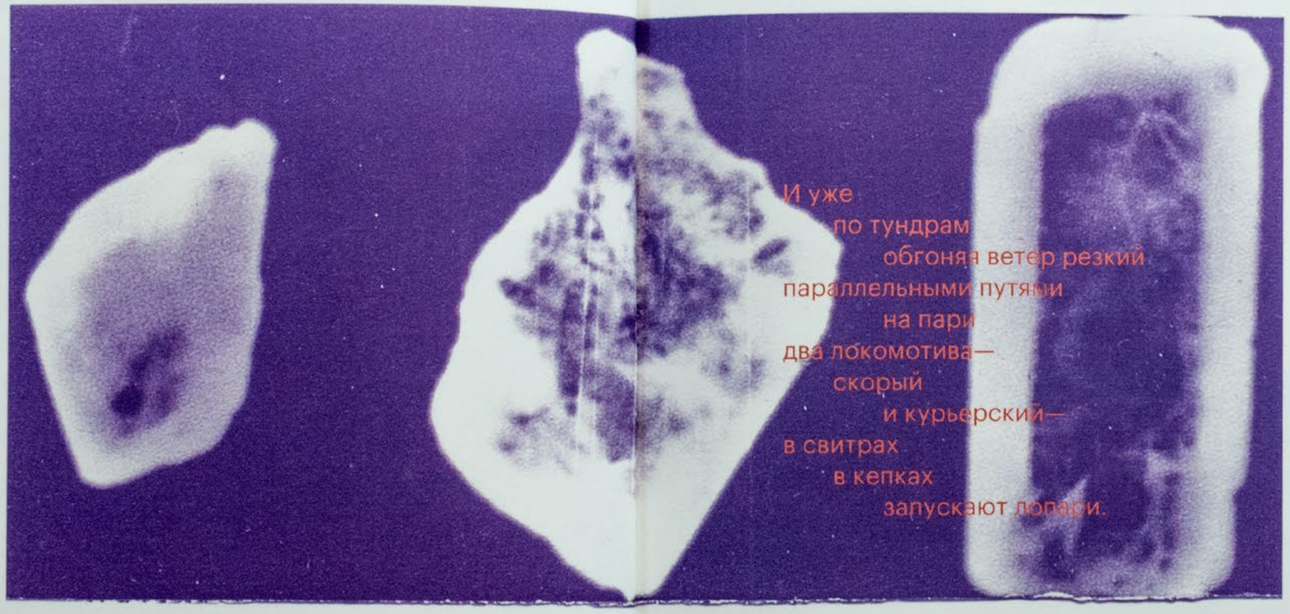


„Кто был ничем тот станет всем!"
Станет.
А на деле—
как фелахи
неизвестно чем
распахиваем земь.
Шторы
пиджаками
на плечи надели.

о которых
рапорта
не дал
и первый таборник,—
залегли
железные пласты.
Будущих времен
машинный гул



Лентами
авто и паровозы—
в главный.
С верфей
с верстовых
соскальзывают в воды
корабли
надводных
и подводных плаваний.



И уже
по тундрам
обгоняя ветер резкий
параллельными путями
на пари
два локомотива—
скорый
и курьерский—
в свитрах
в кепках
запускают лопари.

Ну и слава богу!
Но за то:—
На бороды дымов
на тело гулов
не покусится
никакой Меркулов.
Трем Андреевым,
всему академическому скопу
копошащемуся
у писателей в усах
никогда
не вылепить
ваш красный корпус
заводские корпуса.
Вас
не будут звать:—
„железо бросьте,
выверните,
на спину
глаза,
возвращайтесь
вспять
к слоновой кости
к мамонту
к Островскому
назад".

Syntactically unreadable

Different excerpts from five selected essays by formalist critic Viktor Shklovsky were selected and merged in order to create a uniform textblock. The booklet is fully readable but one can’t grasp its content, since it is a collage of several different texts.

The textblock covers only half the page, making it possible to visualize the accumulation of the blocks through the transparent pages.
The pages are cut in a way that allow them to be rearranged in whatever way the reader decides, and attached to the cover with an elastic band.

Em todo o caso, o pensamento por imagens não é o vínculo que une todas as disciplinas da arte, mesmo da arte literária; a mudança das imagens não constitui a essência do desenvolvimento poético†. O mundo do *ostranenie* é o mundo da revolução. A arte experimenta as possibilidades do mundo usando as coincidências do mundo, as obras de arte não fizeram nada a não ser trocar de roupa e confrontar a si mesmas. Os epítetos sinestésicos que, por exemplo, definem conceitos auditivos por meio de visuais ou vice-versa, são comparáveis às imagens—em outras palavras, *ostranenie*, isto é, o mundo colocado sobre uma base diferente. Examinando a língua poética tanto nas suas constituintes fonéticas e léxicas como na disposição das palavras e nas construções semânticas constituídas por estas palavras,‡ devemos manter em mente que histórias cujos

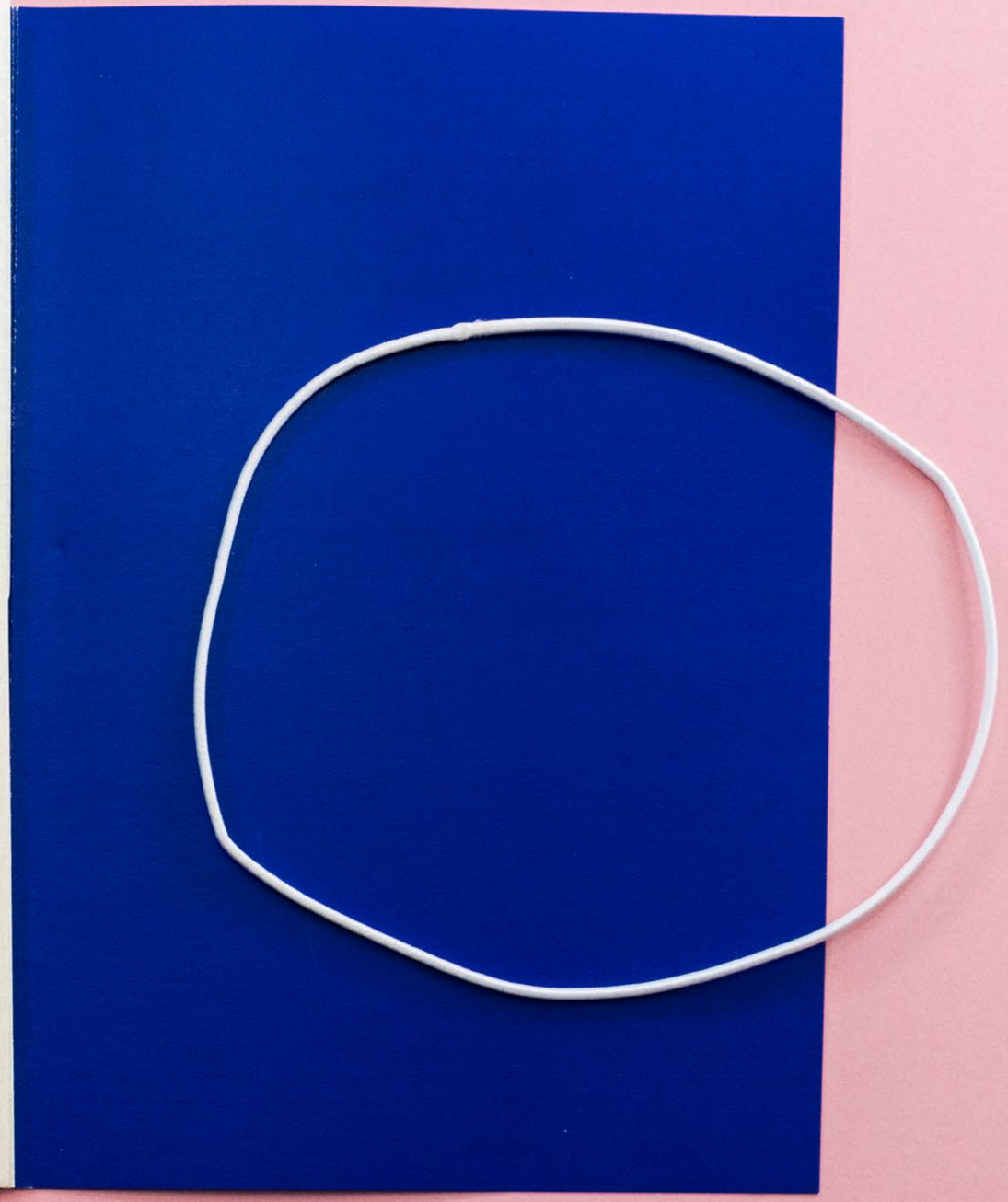
† A ideia da economia de energia como lei e objetivo da criação é talvez verdadeira no caso particular da linguagem, ou seja, na língua cotidiana; estas mesmas idéias foram estendidas à língua poética, devido ao não reconhecimento da diferença que opõe as leis da língua cotidiana às da língua poética.

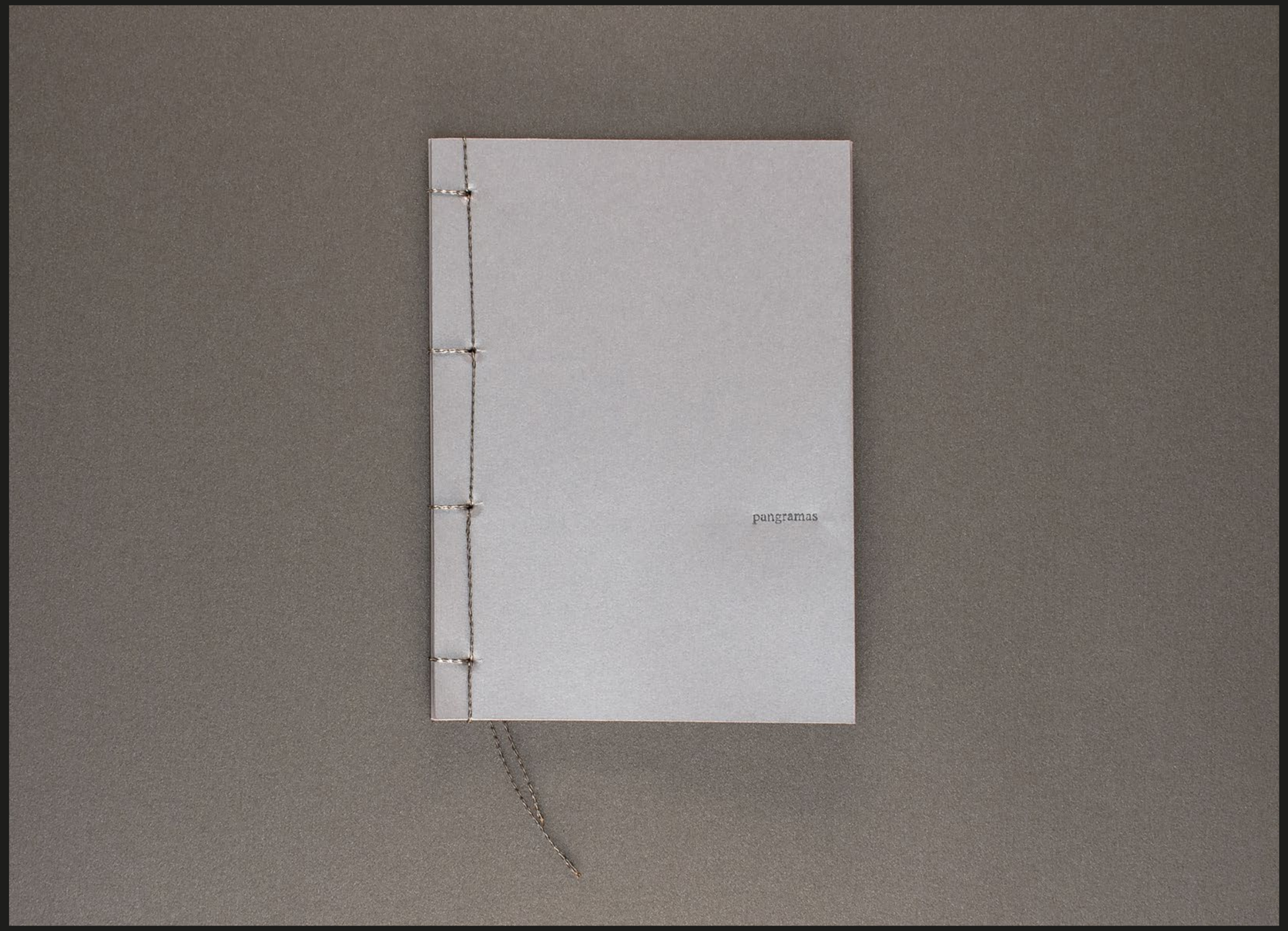
‡ Em outras palavras, a diferença entre o nosso ponto de vista e o de Potebnia pode ser formulado assim: a imagem não é um predicado constante para sujeitos variáveis.

† Mas a definição: "A arte é pensar por imagens", definição que, depois de notórias equações das quais omitirei os elos intermediários resultou: "A arte é antes de tudo criadora de símbolos", esta definição resistiu e sobreviveu à derrocada da teoria sobre a qual estava fundada. Ela vive mais intensamente na corrente simbolista e sobretudo entre os seus teóricos.

‡ Houve tentativas para sistematizar estas violações. Elas representam a tarefa atual da teoria do ritmo. Podemos pensar que esta sistematização não terá sucesso. Com efeito, não se trata de um ritmo complexo, mas de uma violação do ritmo, de uma violação tal, que não podemos prever; se esta violação tornar-se regra, perderá a força que tinha como procedimento de obstáculo.

a imagem é normalmente expandida pela descrição do objeto substituído. O discurso poético é um discurso elaborado. A prosa permanece um discurso ordinário, econômico, fácil, correto. Os caminhos da nova arte foram apenas levemente traçados. Não os teóricos, mas os artistas serão os primeiros a percorrer esses caminhos.† *Ostranenie* não é apenas uma nova maneira de ver; é também o sonho de um novo mundo, ensolarado apenas porque é novo. Chamaremos objeto estético, no sentido próprio da palavra, os objetos criados através de procedimentos particulares, cujo objetivo é assegurar para estes objetos uma percepção estética. A imagem poética é um dos meios de criar uma impressão máxima.‡ Mas, ao mesmo tempo, nos estratos mais baixos, novas formas de arte são criadas em vez das antigas, não apenas os fenômenos mudam; seus significados também.





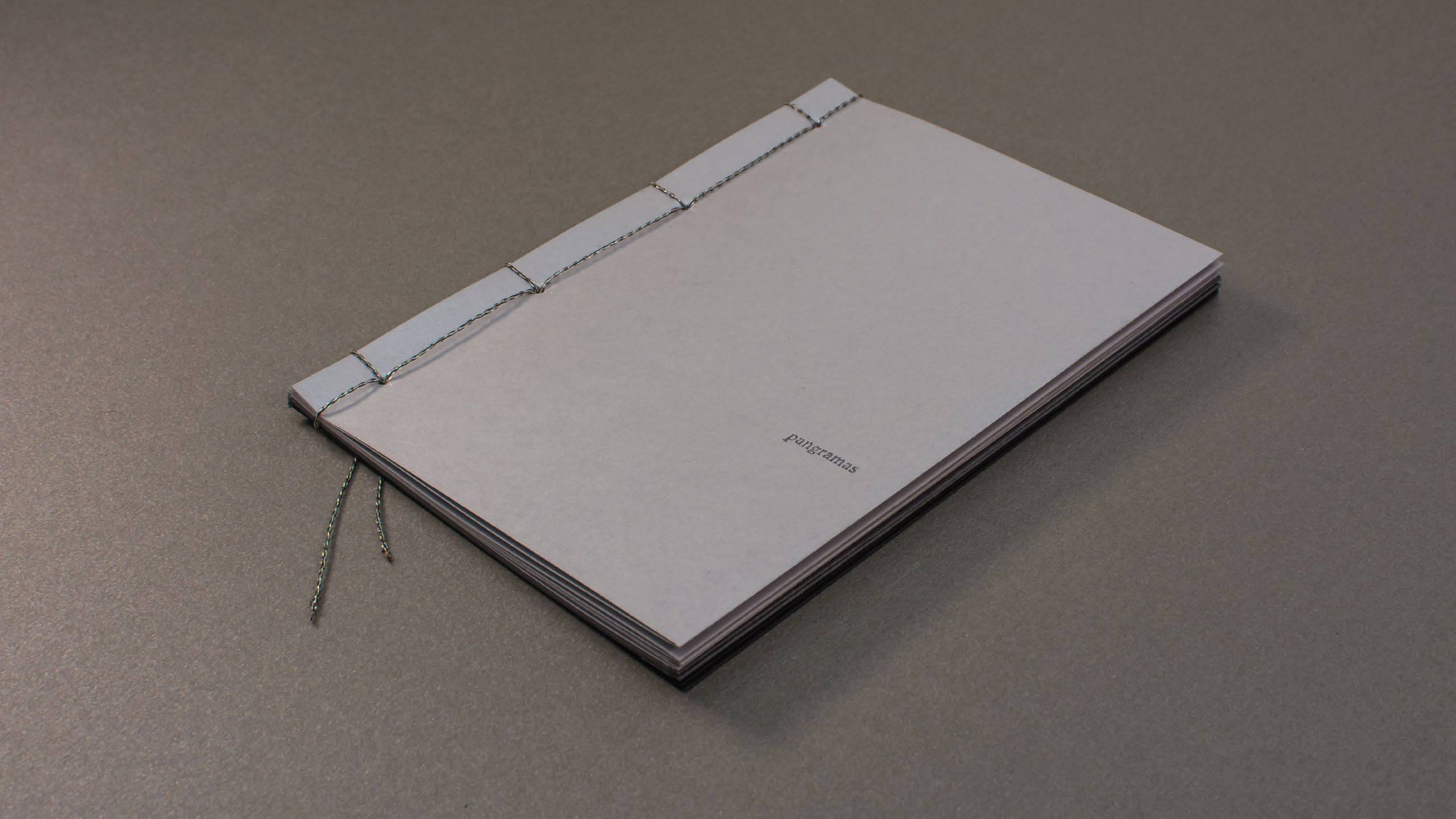
Pangramas

Personal project (2019)

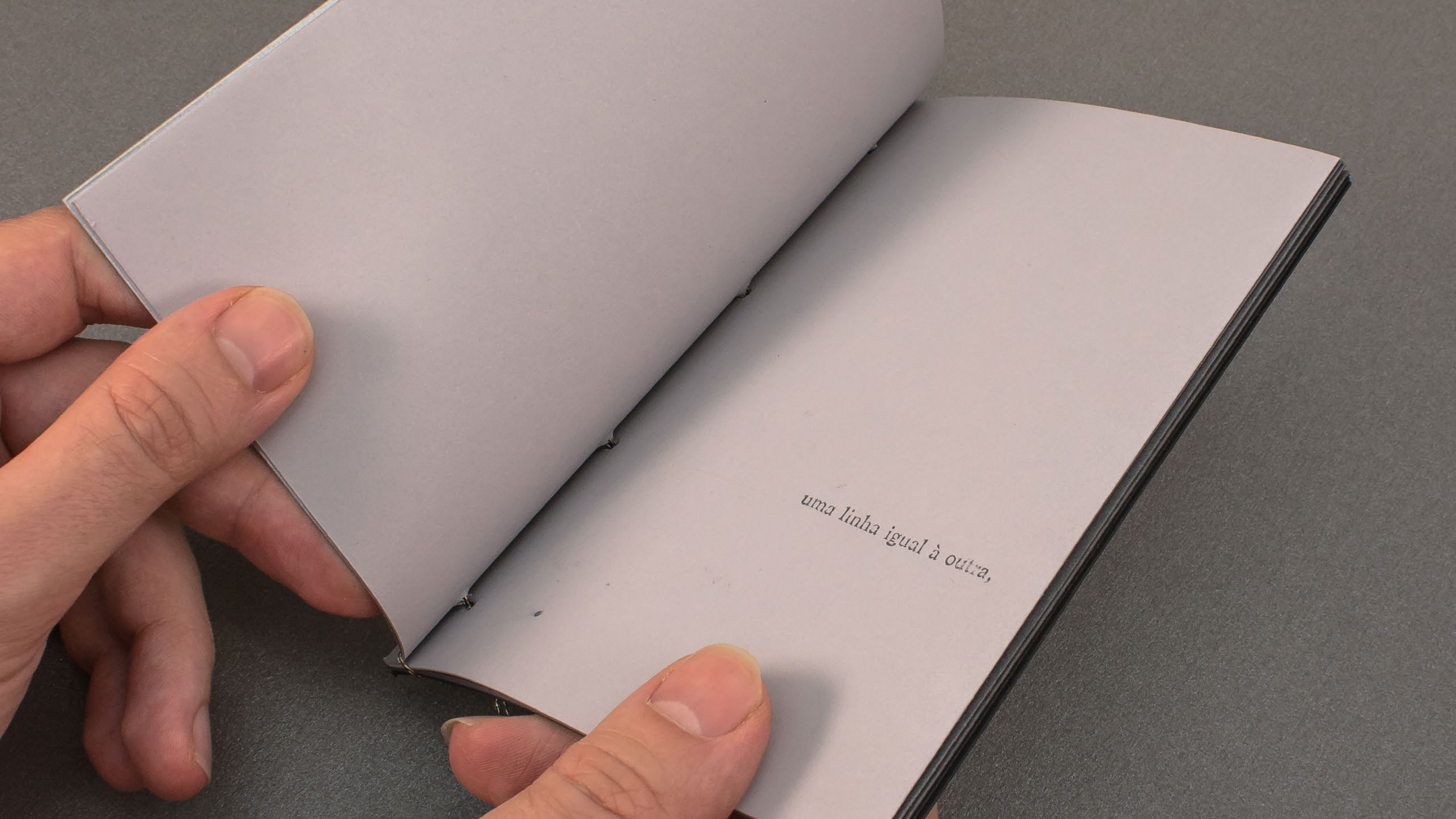
Pangramas is a little book-poem with only one sentence per page.

The color of the lines stays the same as the book goes on, however the lines disappear and then emerge again through the gray-to-black pages, a parallel to typing and melting copper lines on Linotype. A pangram is a sentence using every letter of the alphabet, meaning that the lines on this book were once lines of other books.

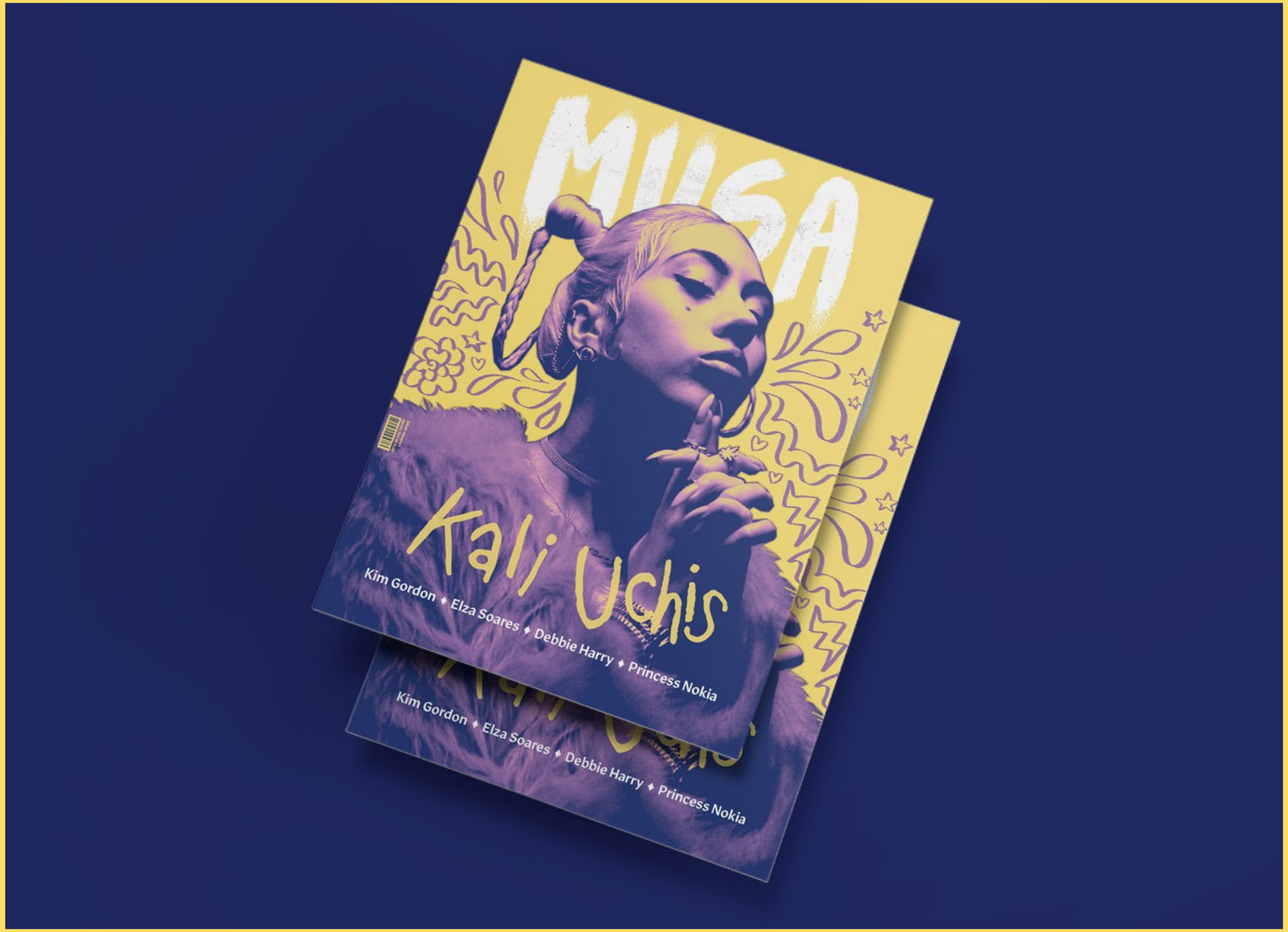
All the lines were set on a Linotype machine and each book was letterpress printed and Japanese bound by hand.


pangramas

só existe uma linha,


uma linha igual à outra,

quantas linhas cabem em uma linha?



Musa

Project III, UNESP (2017)

Musa is a magazine about independent music made by women. The magazine's goal is to publish relevant content about women in the music industry and their contribution to the national and international scene, to promote independent music and to encourage the participation of women in music, regardless of the genre.

KALI UCHIS

Sem sua infância humilde em uma pequena cidade da Colômbia, Kali Uchis não estaria questionando o quão grande ela quer ser.

Estamos do lado de fora da estação Shepherd's Bush Market em Londres. Embaixo da estação de trem, entre uma série de arcos extensos de tijolos vermelhos, Kali Uchis está com a sua banda de palco num grande estúdio de ensaio. Um set de bateria está montado, junto de alguns notebooks um amplificador de baixo e suportes pra microfone – uma das paredes é coberta por um grande espelho de dança, e vários membros do grupo de apoio da Kali estão jogados pelo estúdio fazendo um intervalo.

Na noite anterior, a cantora de 22 anos estava se apresentando no Brixton Academy. Ela estava lá com alguns dos seus famosos amigos e colegas – Vince Staples, Kelela, Popcaan – tocando sua colaboração pop-ciborgue 'She's My Collar' com Gorillaz. Foi a primeira noite de sua viagem implacável até o Reino Unido. Durante os seis dias seguintes ela participará de dois shows do Gorillaz, vai fazer seu primero show em um festival britânico e tocar dois shows solo. Várias sessões de fotos, entrevistas e A bunch of radio slots estão agendados no tempo livre entre os shows.

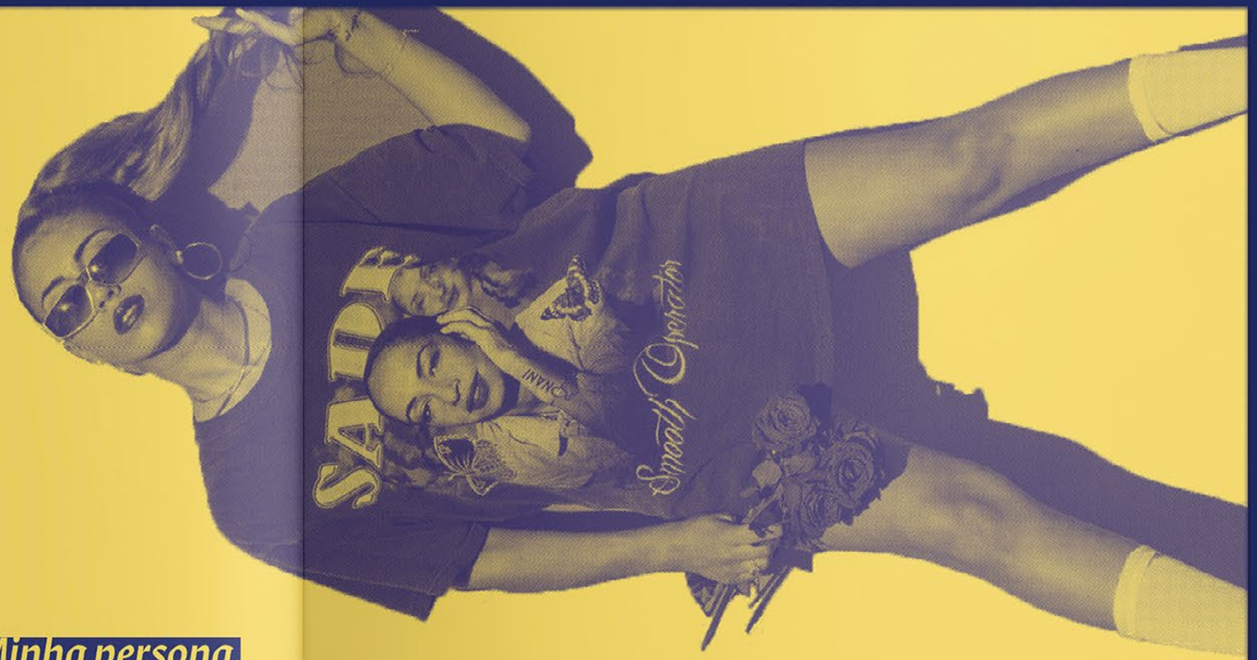
Atrás do equipamento da banda, tem uma cozinha no fundo do estúdio, um quarto estreito onde Kali, usando seus óculos escuros marrons, calças verdes de veludo e um blazer cinza risca-de-giz, abraça seus joelhos e fica encolhida em um canto do sofá.

"Ontem à noite foi legal," ela conta, bocejando por conta do jetlag. "É como os últimos dias na escola com todos os seus colegas. Vocês ficam fazendo nada, assistindo filmes e saindo por aí."

Para alguns artistas, ser escolhido pelo Gorillaz e convidado a aparecer em seu álbum (Kali aparece em duas músicas) é o tipo de trampolim em que eles pulariam. Kali, apesar disso, está tranquila. O baterias do Gorillaz ouviu sua música de 2015, 'Loner', mostrou para Damon Albarn, que foi para Nova York até o estúdio dela.

"Eu não tenho muito dessa de Oh-meu-Deus-eu-sou-uma-pessoa-famosa," ela conta. "Eu nunca me senti assim. Mesmo antes de começar a fazer música, minha persona, como qualquer ser humano, é que eu vejo todos de igual para igual. Não acho que a vida de celebridade seja real."

Apesar de ter crescido ouvindo músicas do Damon Albarn, e de admitir que a colaboração foi um momento humilde, o perfil de Kali tem crescido de qualquer forma. Sua mixtape de estreia, lançada em 2012, que ela fez em seu notebook quando tinha 18 anos, chamou a atenção de Tyler, The Creatore Snoop Dogg (ela trabalhou com os dois). Com o lança-



Minha persona, como qualquer ser humano, é que eu vejo todos de igual para igual. Não acho que a vida de celebridade seja real.

mento de seu álbum de estreia Imminet, parece uma jogada certeira para o Gorillaz que Kali Uchis apareça no seu álbum.

Pergunte à Kali Uchis sobre sua infância e notará uma dualidade sobre seu "lar". Nascida Karly Loaiza em julho de 1994, seus primeiros anos se passaram em Pereira, Colombia, uma pequena cidade nos vales dos Andes, uma viagem de cinco horas de carro da capital Bogotá.

"É uma cidade pequena. São pessoas reais", ela explica, ajeitando seus óculos de sol com uma longa unha. "Todo mundo é diferente aqui. As pessoas querem sair daqui, sonham em começar uma vida nova em outro lugar. É bem assim."

A realidade da Colômbia, ela diz, é um pouco mais diversa do que aquela retratada nas sérires de TV como Narcos ou nos vídeos da Shakira. "Lugares sempre vão ter seus estigmas. Do mesmo modo que as pessoas falam da África, e pensam em crianças morrendo de fome; quando pensam na Colômbia, só lembram da cocaína, do café e de um cara montado em um cavalo vestindo um sombrero. Nós temos muitos problemas aqui como qualquer outro país - mas progredimos muito."

Mas também existe o "lar" há 3000km de distância em Alexandria, Virginia. Kali se mudou para lá com sete anos. Em memória desse período, e de sua decisão de emigrar, ela tem a assinatura do passaporte de seu pai tatuada em seu braço. Ela se identifica tanto como colombiana quanto americana, mas admite que sua verdadeira aliança é com suas raízes latino-americanas.

A cena que ela descreve de sua casa é caótica. Uma vez assentados nos EUA, seu pai começo a realocar parentes da Colômbia. Ele gerenciava propriedades, e buscou encontrar trabalho para as pessoas como zeladores ou pedreiros.

"Nossa casa era tipo, o Primeiro Destino," Kali se lembra. "Você vinha na nossa casa, morava lá por uns dois anos até conseguir se manter e meu pai te ajudava a arrumar um emprego." Isso significa que a vida em casa para Kali não era apenas seus pais e irmãos, mas muitos tios, tias e primos embaixo do mesmo teto.

"Eu ficava em um quarto com tipo, três beliches. Todos nós dividíamos um banheiro. Era uma bagun-

ça. Quarto das meninas e dos meninos. Daí tinha o quarta dos meus pais. Era bastante agitado."
Apesar de todo o caos, barulho e constantes idas e vindas, Kali teve uma criação relativamente introvertida. Claro, ela tinha seus amigos em Alexandria, mas enquanto seus irmãos estavam ocupados brincando com amigos de sua idade, ela era deixada para se entreter sozinha. É aí que a música veio. Sua performance começou com a banda de jazz da escola. Aos dez anos, ela cantava e tocava saxofone. Seu grupo viajava quilômetros até lugares como a Carolina do Norte para participar de competições. Tudo muito Glee. Até que, lá pelos 15 anos, ela saiu.

"Eu era muita ativa na banda. Meio que tomou minha vida, e daí cinco, seis anos se passaram. Quando fiquei mais velha, eu virei 'anti'. Eu era tipo 'foda-se os ensaios, foda-se todas essas pessoas, foda-se a banda!'" ela ri.

Durante esse período ela passou a escrever músicas. Ela pegava emprestado as fitas cassete do trabalho de seu pai, e entre suas notas sobre canos com vazamento e extratores com problema ela gravava suas próprias músicas. "Antigamente quando celulares não gravavam," ela sorri. "Eu adorava brincar com isso."

Nesse ponto em sua pré-adolescência, Kali estava descobrindo todo tipo de música, e algumas influências essenciais entraram em sua vida. "Eu era uma dessas nerds - essa era minha praia. Eu era tipo 'ahh, quero descobrir música nova' o tempo todo e ir na loja de discos. Eu ia sozinha. Eu ia no Pure e ficava só baixando."

Além das músicas em espanhol do pop colombiano, o jazz introduzido por sua avó (ela ama Ella Fitzgerald, Billie Holiday), e o hip-hop que seus irmãos amavam, ela se lembra de gostar de "artistas internacionais". VV Brown, The Noisettes, Amy Winehouse.

"São todas mulheres que faziam suas próprias

coisas, e tinham uma mentalidade forte," ela lembra. "Estou sempre atraída por artistas que são únicos. Eu não gosto de pessoas que parecem com todo mundo ou estão fazendo algo só porque está na moda. Eu não consigo empatizar com um artista que não tem opiniões. Eu simplesmente me encontro mais atraída por pessoas que não têm medo de mostrar sua personalidade."

Em 2017, quando Kali fala sobre seu lar, ela se refere à Los Angeles. Ela se mudou de Virginia há dois anos e agora mora na California com seu namorado.

"Quando eu cheguei em LA, eu estava pensando 'isso vai ser ótimo; vou ter muitos amigos que fazem a mesma coisa que eu.' Então eu percebi que todo mundo é super competitivo. Todo mundo está tentando passar por cima um do outro com suas conquistas e nomes famosos. E ok, eu entendo, eu não vim pra cá pra constituir uma família e criar uma fazendo - todos nós viemos por causa das nossas carreiras - mas existe definitivamente um jeito de você se virar sem ficar se mostrando constantemente como se você fosse a única pessoa que importa aqui."

Leva algum tempo para se acostumar com LA. Ela descreve um "choque cultural" quando sai com outros músicos "que conhecem um pouco de espanhol porque a babá deles os ensinou."

"Você não vai ver uma mansão gigante em Pereira. Todo mundo lá é muito humilde," ela diz. "Eu nunca morei em uma casa que tivesse mais de um andar. Até hoje, não moro."

É sábado a noite em Dreamland, Margete, um parque temático recentemente restaurado que comporta o Demon Dayz, festival dos Gorillaz. A fila pra montanha russa é longa. No hall chamado "By The Sea", Kali Uchis vai tocar seu primeiro show britânico com banda ao vivo. Exceto que um amplificador irritado está atrasando o começo do show e causando alguns problemas técnicos. Quando Kali aparece, vestindo um vestido de paetê rasgado, é uma per-

Lisa Prank cria um pop punk chiclete com vibe de meu quarto, meu mundo. Sua música faz lembrar anotações sentimentais de diário, canetas gel cintilantes e presilhas de plástico, e, nos shows, ela faz covers de músicas queridas e antigas, como "Dammit", do Blink-182. Para uma viagem de volta à adolescência com tons cor-de-rosa, mas também angustiada, dê uma olhada em Crush on the World.

A CENA PUNK FEMINISTA QUE SALVA O ROCK DE SEATTLE

Dez bandas lideradas por mulheres mostram como a cena música & arte na capital do grunge está diferente graças a influência

São onze da noite de uma sexta-feira na Pine Street, no bairro Capitol Hill, em Seattle, e o quarteirão está fervilhando com gente jovem entrando e saindo de boates e bares. Um grupo de pessoas de vinte e poucos anos se congrega em volta de um pau de selfie. Elas dão risadinhas e apontam seus rostos vermelhos, suados e sorridentes na direção da câmera. Uma mulher passa por ali, oscilando em cima de seus saltos de dez centímetros enquanto se apoia um pouco no braço do namorado. Virando a esquina, um mano de fraternidade, bêbado e usando camisa polo, deixa pender desalentadamente a cabeça em um beco, e vomita as batatas que comeu há pouco no diner de preços salgados ali perto. O amigo, com um boné do Seahawks ao contrário, berra obscenidades ininteligíveis para uma mulher que passa por ali usando minissaia, cujas lantejoulas brilham na rua mal iluminada.

No meio desse apocalipse de bróders saturados de vodca, há esperança. Na esquina seguinte, saindo dessa zorra, está o Cockpit, um espaço de música e artes DIY queer. É um lugar mágico, embebido de místicas luzes tecnicolor,

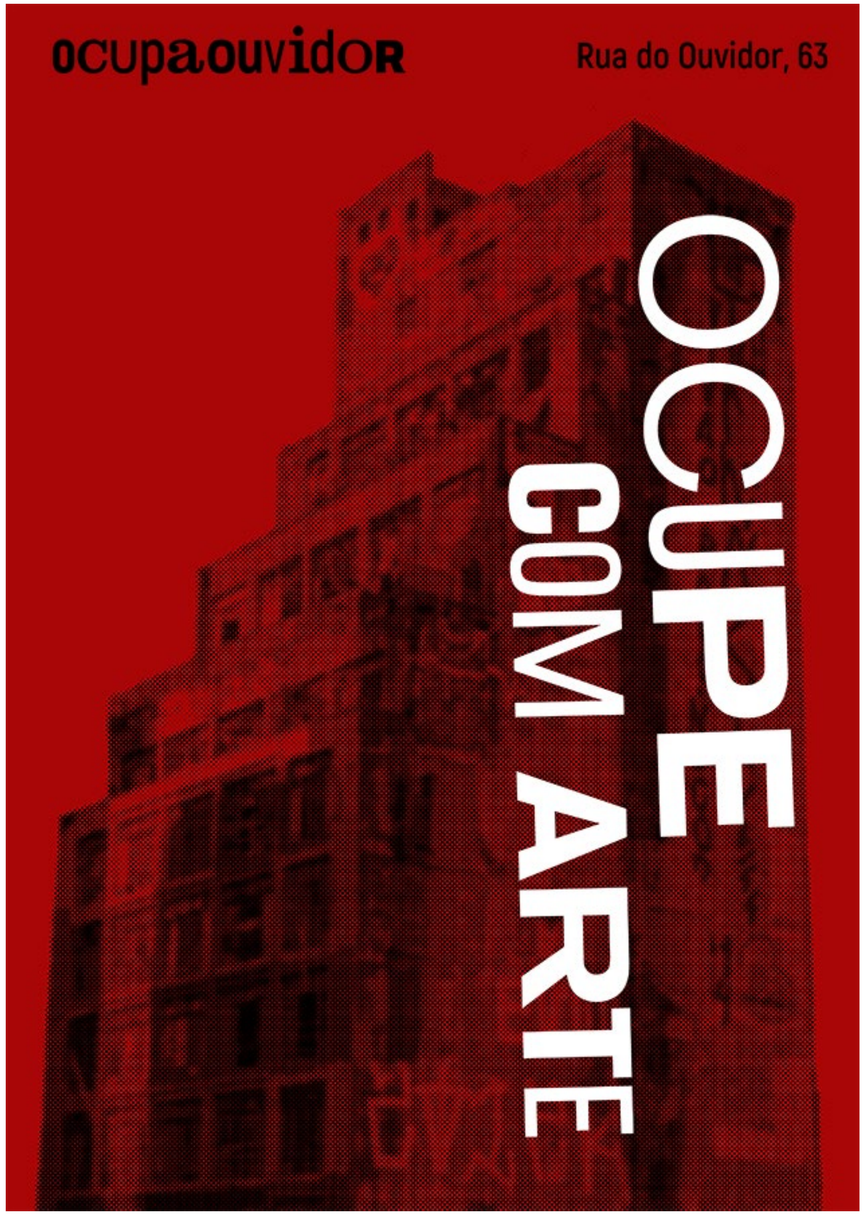
O Chastity Belt começou no Whitman College, em Walla Walla, Washington. Após o lançamento do disco Time To Go Home em 2015, aclamado pela crítica, elas receberam atenção nacional e uma menção na New Yorker. Uma das melhores faixas de Time To Go Home é "Cool Slut", um hino pró-vadia, e embora muitas dessas músicas ainda tenham o característico senso de humor maluco do Chastity Belt, há a presença de uma nova sofisticação e tristeza.

Mating Call, de 2014, é muito feminista e puramente punk. A melhor faixa do disco é "Girl Band", na qual a vocalista principal, Rachael Ferguson, canta: "We are a girl band/Don't get it twisted/We're gonna wear you out." ("Somos uma girl band/Não entenda errado/Vamos exaurir você"). No álbum há também hinos à liberdade sexual e com presença forte do baixo como Bathwater e Reply, o punk movido a funk do NighTraiN é perfeito para uma festa cheia de dança libidinosa e caótica.

abertamente a sua inclusão, mas acaba fetichizando um ou alguns artistas de cor por causa da imagem que têm, em vez de tentar desmantelar as verdadeiras questões que estão aí. Os espaços meio que subconscientemente perpetuam a marginalização, ao só apresentar e apoiar amigos e colegas brancos que têm um trabalho 'bom' no sentido comum, mas que não demonstram um posicionamento, porque eles nunca foram oprimidos."

Elena Kuran, integrante do Mombutt, ecoa essas declarações, e acrescenta conselhos para os jovens de identidades marginalizadas que querem participar da cena de música e artes de Seattle. Ela diz: "Sou cercada por privilégios todos os dias, e participo de uma cena que em tese é uma fuga deles, mas que os perpetua. Essa é uma verdade injusta, e não vai mudar a menos que a abordemos ativamente. Como uma garota de origem em parte japonesa envolvida na cena de música e artes, isso é uma coisa da qual faço sempre questão de me lembrar." Ela dá conselho a "qualquer um que esteja pensando em se envolver na cena de música e artes, especialmente os que são de identidades marginalizadas" e os encoraja a "formar bandas com amigos que compartilhem de experiências semelhantes às suas, fazer zines sobre questões que são importantes para você, e apoiar os artistas locais, indo aos shows deles e comprando seus produtos." O mais importante, diz ela, "é não se deixar diluir por causa de ninguém."

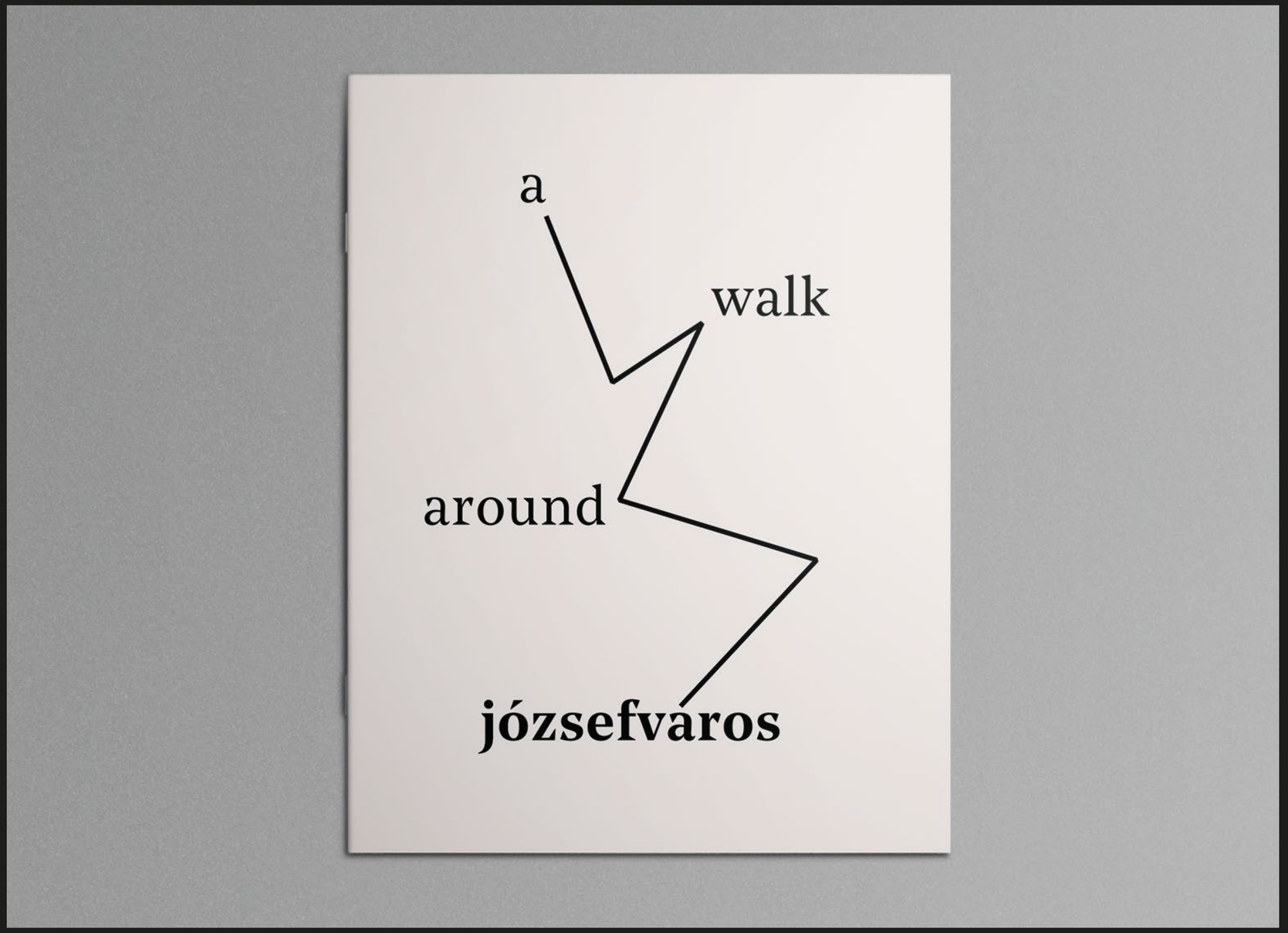
ocupa
ouvidor



Ocupa Ouvidor

Project II, UNESP (2017)

Logotype and outdoor media developed for the cultural occupation Ocupa Ouvidor, a thirteen-story building in the center of São Paulo.



A walk around Joszéfváros

Urban Sociology, METU (2016)

A Walk Around Józsefváros is a photozine of an afternoon walking around the District VIII in Budapest, a neighborhood characterized by sharp contrasts. The District VIII has been gentrified and its urban renewal have led to discussions and criticism. 19th century streets and squares went under big projects of urban restoration, setting up a new architecture and a new look at public spaces.

The photozine cover illustrates the path walked through the neighborhood, and the repetitions of the architecture blend with the patterns made by the camera lens.

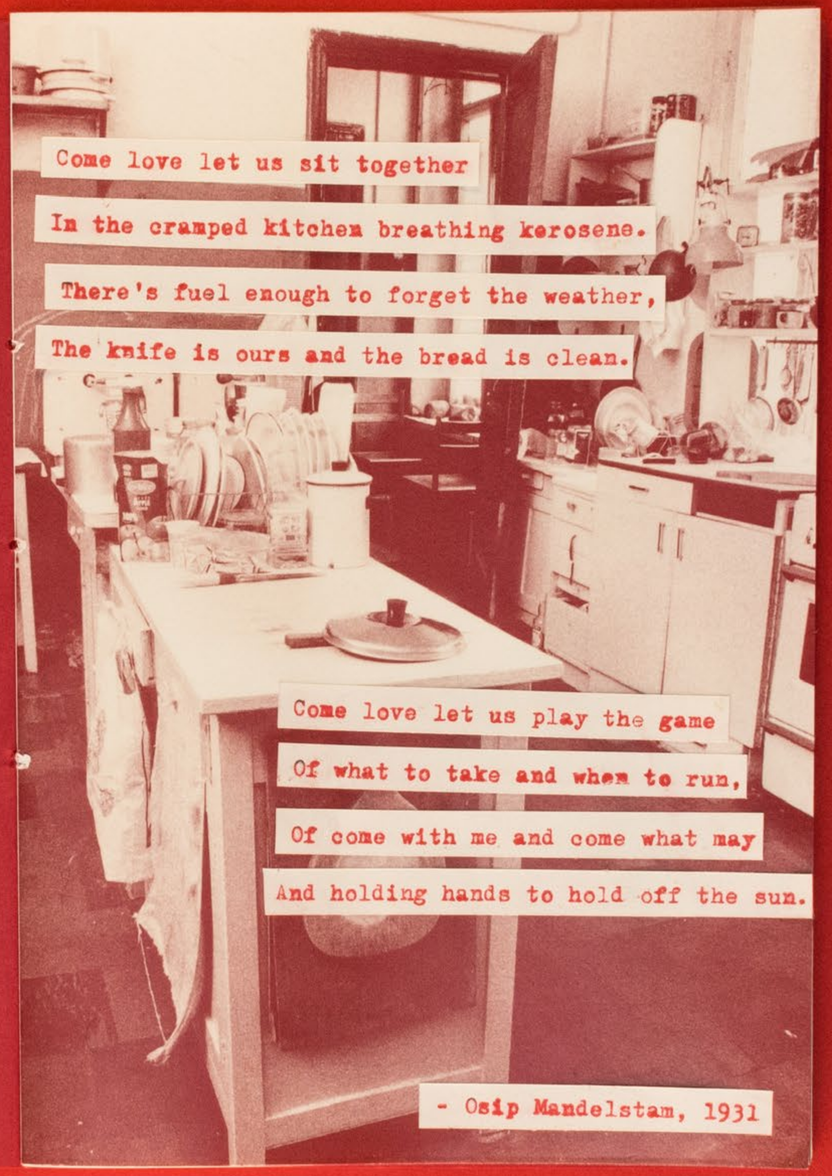
TEHERT

TAXI KFL
TEHERTAXI KFL

Soviet Kitchen Samizdat

East-Central European Arts and Culture, METU (2016)

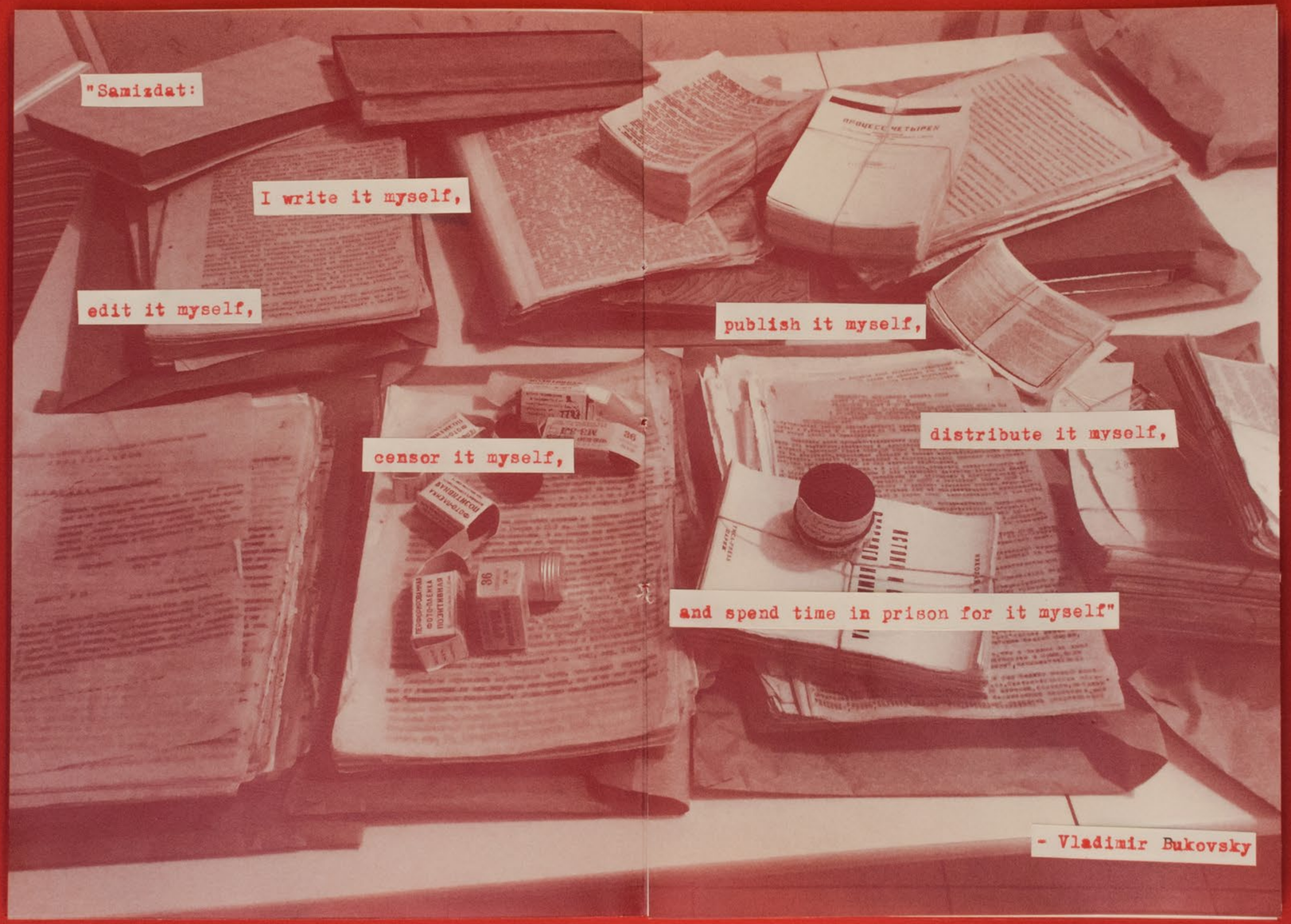
A typewritten samizdat (zine) about how the kitchens became the place to meet and talk in post-Stalin USSR, and about the samizdat, dissident underground publications usually made on typewriters. The publications were passed from reader to reader and covered topics from religious material to poetry, novels and literature from abroad.



Come love let us sit together
In the cramped kitchen breathing kerosene.
There's fuel enough to forget the weather,
The knife is ours and the bread is clean.

Come love let us play the game
Of what to take and when to run,
Of come with me and come what may
And holding hands to hold off the sun.

- Osip Mandelstam, 1931


"Samizdat:
I write it myself,
edit it myself,
publish it myself,
censor it myself,
distribute it myself,
and spend time in prison for it myself"
- Vladimir Bukovsky

Samizdat

Samizdat means I-self-publish. Under the regime censorship, much literature was forbidden and could not be published, and the kitchens became the place to exchange samizdat: newsletters, nvoels, poetry, essays. Usually people would write pages and pages using carbon paper to make some few copies that were passed from person to person.

Thank you very much!